

Camilla Machuy

Universidade Federal do Rio
de Janeiro – ECO-UFRJ
camillamachuy@gmail.com

Marco Schneider

Universidade Federal do Rio
de Janeiro – PPGCI – IBICT/
ECO-UFRJ
Universidade Federal
Fluminense - PPGMC-UFF
art68schneider@gmail.com

Priscila Seixas

Universidade Federal
Fluminense – PPGMC-UFF
seixasburburinho@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Inimigo à esquerda: Conservadorismo brasileiro e as origens da guerra Contra a Cultura

*Enemy on the left:
Brazilian Conservatism and the Origins of the
Culture Wars*

*Inimigo a la izquierda:
Conservadurismo en Brasil y el origen de la
lucha contra la Cultura*

RESUMO

O presente artigo demonstra como o passado autoritário brasileiro, em particular as duas décadas de regime militar (1964 – 1985), ecoa no presente e fomenta o crescimento da extrema-direita no país. Investiga as estratégias digitais das correntes políticas mais conservadoras e duas de suas principais influências: o projeto Orvil e a obra do autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho. Além disso, faz um diagnóstico da modulação brasileira da *guerra cultural* importada dos EUA, com foco na mediatização da Lei Rouanet como estratégia da extrema-direita para desacreditar a classe artística e desqualificar sua crítica, um expediente capitaneado por parlamentares conservadores que se utilizam da retórica do ódio nas redes sociais digitais.

PALAVRAS-CHAVE: *Autoritarismo; Cultura; Extrema-direita; Mediatização; Lei Rouanet.*

ABSTRACT

This article demonstrates how Brazil's authoritarian past, in particular the two decades of military rule (1964-1985), echoes in the present and fosters the growth of the far right in the country. It investigates the digital strategies of the most conservative political currents and two of their main influences: the Orvil project and the work of the self-proclaimed philosopher Olavo de Carvalho. In addition, it makes a diagnosis of the Brazilian modulation of the *cultural war* imported from the USA, focusing on the mediatization of the Rouanet Law as a strategy of the extreme right to discredit the artistic class and disqualify its criticism, an expedient led by conservative parliamentarians who use the rhetoric of hatred in digital social networks.

KEYWORDS: *Authoritarianism; Culture; Far-right; Mediatization; Rouanet Law.*

RESUMEN

Este artículo demuestra cómo el pasado autoritario de Brasil, en particular las dos décadas de gobierno militar (1964-1985), resuena en el presente y fomenta el crecimiento de la extrema derecha en el país. Investiga las estrategias digitales de las corrientes políticas más conservadoras y dos de sus principales influencias: el proyecto Orvil y la obra del autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho. Además, diagnostica la modulación brasileña de la *guerra cultural* importada de EE.UU., centrándose en la mediatización de la Ley Rouanet como estrategia de la extrema derecha para desacreditar a la clase artística y descalificar sus críticas, un expediente liderado por parlamentarios conservadores que utilizan la retórica del odio en las redes sociales digitales.

PALABRAS CLAVE: *Autoritarismo; Cultura; Extrema derecha; Mediatización; Ley Rouanet.*

Submetido em 08 de março de 2023

Aceito em 11 de agosto de 2023

Introdução

A ascensão da extrema-direita no Brasil, na segunda década do século XXI, pode ser considerada como um soluço na democracia do país, ao qual muitos creditam o advento das plataformas digitais. No entanto, é temerário entender o surgimento *ex nihilo* de tais ideologias no Brasil, já nos tempos contemporâneos. Forças políticas opostas sempre disputaram ideologicamente a supremacia política de suas respectivas épocas e, nesse sentido, é importante lembrar que o pensamento conservador tem longa história no Brasil e ressurgiu em moldes parecidos, embora os contextos sejam ressignificados. Por exemplo, o flerte do conservadorismo brasileiro com o fascismo remonta ao crescimento dessa ideologia na Europa. Na década de 1930, a Ação Integralista Brasileira (AIB) ganhou as ruas e massificou o movimento (Secco, 2022). Seu principal líder era o intelectual conservador Plínio Salgado. Sua proposta política queria propor uma nova política:

[...] buscava romper as tradições da velha política com um discurso autoritário, antiliberal, antidemocrático, anticomunista, baseado em uma estrutura nacionalista e na concepção cristã radical e conservadora. Esses elementos foram potencializados quando viu a prática desse modelo na Itália, identificando caminhos para um novo Brasil (Caldeira Neto; Gonçalves, p. 13, 2020).

Se os ideais ainda soam familiares nos dias de hoje, talvez seja porque o AIB é considerado por estudiosos como o primeiro partido político de massa no Brasil (Trindade, 1979; Schwarcz; Starling, 2018), destacando-se por adotar uma postura corporativista, venerando lideranças políticas e buscando dominar o Estado. Além disso, sua retórica antisemita ultrapassava o tom comum na sociedade brasileira da época. O partido encontrava apoio entre diversos setores das classes médias urbanas, incluindo funcionários públicos, padres, profissionais liberais, poetas, comerciantes e industriais, bem como em áreas de colonização alemã e italiana. Nesse sentido, Trindade (1979) aponta os apoios vitais da Igreja Católica e das Forças Armadas para a manutenção da popularidade do grupo. Aliás, havia muitos integralistas dentro dos batalhões e o movimento rapidamente ganhou força política, contribuindo ativamente para o golpe que instituiu o Estado Novo, em 1937 (Trindade, 1979). Com grande

apoio popular e mais de 500 mil aderentes, o movimento continuou influenciando os rumos do país:

Os integralistas eram tolerados pelas autoridades mesmo quando se envolviam em ações ilegais e muitos foram oficiais superiores das Forças Armadas que participaram ativamente do golpe de 1964 que derrubou o Presidente de centro-esquerda João Goulart, embora ele fosse um moderado (Secco, 2022 p.41).

Após o período de redemocratização, o cenário político brasileiro se viu envolto em um embate pela hegemonia, com destaque para duas forças principais: a direita conservadora na economia e liberal nos costumes, representada pelo PSDB (com exceção da eleição de Collor de Mello), e a esquerda moderada, liderada pelo PT. No entanto, esse panorama político sempre esteve sob a influência do Centrão, um grupo de parlamentares em geral conservadores, porém marcado por sua essencial natureza oportunista e pela falta de coerência ideológica ou programática sólida, fator que impedia qualquer das forças em disputa de conquistar uma maioria no Congresso Nacional.

Nas últimas eleições majoritárias, o protagonismo que antes era da direita moderada foi tomado pela extrema-direita, que se mostrou tão conservadora quanto a anterior no que diz respeito ao receituário neoliberal. Contudo, a diferença crucial se deu na pauta dos costumes e da cultura, onde a extrema-direita adotou uma postura ultrarreacionária, inclusive abraçando o negacionismo científico. Essa mudança no campo da direita foi evidente nas eleições de 2018, que conduziram o ex-militar Jair Messias Bolsonaro ao poder, e, mais recentemente, no processo eleitoral concluído em 2022, que resultou no terceiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Essa troca de liderança no espectro político gerou uma divisão sem precedentes desde o fim da ditadura militar, tornando o diálogo entre as diferentes facções quase impossível. A polarização e as discordâncias acentuadas dificultam a busca por consensos e soluções para os desafios do país, criando um ambiente político desafiador e complexo.

Exploramos aqui a hipótese de que os fundamentos deste cenário, erigido com o auxílio das plataformas digitais, são oriundos de um passado mal resolvido. O

eco de um passado que ainda se faz muito presente. Para compreender esse quadro, a pesquisa se organiza metodologicamente enquanto uma investigação de abordagem qualitativa e caráter exploratório¹, que visa através da análise de documentos e revisão bibliográfica entender como o conservadorismo da extrema-direita desembocou em um ataque contra a Cultura. Nesse sentido, também são apresentados exemplos de notícias extraídas de veículos digitais² e publicações em sites de redes sociais digitais que servem como pano de fundo dos embates gerados pela extrema-direita sobre a Lei Rouanet.

É necessário lembrar que o Brasil viveu duas décadas sob o regime autoritário das Forças Armadas, entre 1964 e 1985. Nesse período, além do recurso à força bruta, incluindo tortura e assassinato (Arquidiocese de São Paulo, 1985), para reprimir qualquer tipo de oposição à sua condução política, os militares e seus asseclas recorreram ao revisionismo histórico e ao doutrinamento ideológico (Figueiredo, 2011). Este é o caso, por exemplo, da publicação intitulada “Orvil: tentativas de tomada do poder” (2012): “um projeto sigiloso do Exército brasileiro” (Rocha, 2021, p.32), que hoje em dia está disponível na internet gratuitamente. Outro exemplo é o amplo espaço concedido por décadas ao autointitulado filósofo Olavo de Carvalho na grande imprensa corporativa. Começamos pelo Orvil.

1 O Orvil

O livro (*Orvil é livro* ao contrário) é um documento produzido pelas Forças Armadas brasileiras com o objetivo de servir de justificativa para o golpe militar de 1964. Na obra autobiográfica *A Verdade Sufocada: a história que a esquerda não quer que o Brasil conheça*, o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-comandante do Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), órgão responsável pela repressão durante o regime militar no Brasil, descreve o Orvil “um trabalho minucioso, em que processos, inquéritos e documentos

¹ Segundo Gil (2002), pesquisas exploratórias têm como objetivo o aprimoramento de ideias a partir da consideração de vários aspectos do objeto estudado.

² Destaca-se o fato de que não se trata, necessariamente, de grandes veículos de comunicação, mas espaços de reprodução do pensamento de extrema-direita.

foram estudados e analisados” (Ustra, 2007. p. 10). O Orvil foi desenvolvido entre os anos de 1985 e 1988, mas foi proibido de circular (Pedreti, 2021). A coordenação do projeto foi do chefe do Centro de Informações do Exército (CIE) à época, o general Sérgio Augusto de Avellar Coutinho. No entanto, o livro tem como organizadores o tenente José Conegundes Nascimento e o tenente-coronel Licio Maciel. (Figueiredo, 2011). Segundo o jornalista Lucas Figueiredo, as versões ali descritas podem ser consideradas revisionismo histórico e uma das principais teorias da conspiração propagada pelas Forças Armadas:

Vista por uma potente lente de aumento, a realidade foi distorcida e se transformou num fantasma assustador, que vagava pela história a arrastar quatro correntes: 1) Quem havia sido contra o regime militar era de esquerda; 2) Quem é de esquerda é comunista; 3) Quem é comunista é perigoso; 4) Por intermédio do Movimento Comunista Internacional (mais conhecido como MCI), Moscou, Pequim e Cuba nunca desistiriam de colocar suas mãos peludas sobre o Brasil. Tendo o anticomunismo como pano de fundo, o Orvil enveredava por definições equivocadas. O golpe de 1964, por exemplo, não fora um golpe, mas sim uma “revolução democrática” (Figueiredo, 2011, p. 78).

Neste sentido, Rocha (2021) estabelece, também, uma conexão profunda entre a Doutrina de Segurança Nacional (DSN) e o pensamento político do bolsonarismo, especificamente relacionando-o ao Orvil. A DSN pode ser entendida como um derivado da política estadunidense adotada durante a Guerra Fria e moldada para obedecer a interesses das Forças Armadas no Brasil em caráter estratégico, como quer Fico (2001):

Produzida, basicamente, no âmbito da ESG³, a “doutrina” supunha que o Brasil se integrava ao contexto internacional da Guerra Fria considerando (a) sua grande população e extensão territorial; (b) seu posicionamento geopolítico, que lhe conferia importância estratégica no âmbito das relações políticas internacionais e (c) sua vulnerabilidade ao comunismo, à luz de supostas fragilidades internas (população “despreparada” e políticos “corruptíveis”). Desse diagnóstico, decorria que (a) o Brasil tinha condições de se tornar uma das grandes potências mundiais e (b) era necessário precaver-se contra a “ameaça comunista” (Fico, 2001, p.41).

³ Escola Superior de Guerra.

O sentimento anticomunista, portanto, desempenhou um papel crucial ao fornecer uma justificativa ideológica para o golpe militar e para a manutenção do regime ditatorial no Brasil por mais de duas décadas. A exploração desse medo coletivo foi fundamental para a sustentação do autoritarismo e para legitimar a violação dos direitos humanos e das liberdades democráticas durante esse período sombrio da história brasileira, como explica Motta (2000):

O anticomunismo forneceu argumento principal para duas das rupturas institucionais mais sérias do período republicano, origem dos regimes autoritários de maior duração já experimentados (ou sofridos) pelo país. No interior da coalizão governante, especialmente entre os militares, a preocupação com o tema permaneceu significativa. O argumento anticomunista ocupou posição destacada nas disputas de poder travadas no interior do Estado, por diversas vezes conduzindo à ação os setores da extrema-direita. Outrossim, o regime militar manteve constante vigilância sobre os comunistas e a esquerda, fazendo uso do formidável aparelho repressivo construído após 1964 sempre que considerava necessário (Motta, 2000, p.344).

No entanto, hoje, 60 anos após a década de 1960, o cenário político e ideológico global mudou significativamente. O fim da Guerra Fria, a queda do Muro de Berlim e a dissolução de regimes comunistas em vários países enfraqueceram a ideologia comunista como uma força política global relevante, portanto, o temor de uma ameaça comunista já não faz sentido. No entanto, a narrativa anticomunista continua muito viva nas ideologias da extrema-direita como forma de mobilizar pelo medo e violência e conquistar apoio popular. Essa, por exemplo, era uma das principais bandeiras da campanha e do governo de Jair Bolsonaro.

Jair Bolsonaro é, sem dúvida, o presidente de extrema-direita mais radical do mundo eleito democraticamente nas últimas décadas. Sob seu governo, o Brasil foi considerado o país que lidou pior com a pandemia de Covid-19, com mais de 500.000 mortes até junho de 2021, de acordo com estatísticas do governo. No mês anterior, o Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, culpado pela falta de vacinas no Brasil, renunciou sob várias pressões políticas diferentes. Um diplomata de carreira que foi recomendado pelo filósofo Olavo de Carvalho - que se aproximou da família Bolsonaro

há anos - Araújo considerava a Organização Mundial da Saúde "globalista" e argumentou que o vírus, ao qual ele chamou de "comunavírus", era um dispositivo ideológico de um "projeto globalista" que levaria ao comunismo (Rocha; Solano; Medeiros, 2021, p. xiii, tradução nossa).

De mesma sorte, Rocha (2021) destaca outros remanescentes da ideologia que prevaleceu no regime militar, como a apologia à tortura, que ainda está muito viva no discurso do ex-presidente. Em uma declaração polêmica, em 1999, Bolsonaro afirmou a necessidade de realizar um "trabalho" que, segundo ele, não foi feito durante a ditadura: "matar uns 30 mil, começando pelo FHC"⁴, referindo-se ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Essa análise revela como a perspectiva política do bolsonarismo pode estar associada a elementos da DSN e do Orvil, e como o discurso conservador autoritário sobreviveu até os tempos de hoje:

As palavras precariamente alinhadas pelo capitão reformado, numa sintaxe balança, mas não cai, dá corpo a uma doutrina draconiana e a uma interpretação delirante da história brasileira: de um lado, a Doutrina de Segurança Nacional (DSN), de outro, o Orvil. Como se percebe, traços caracteristicamente brasileiros da guerra cultural bolsonarista. Conscientemente ou não, a ascensão de uma juventude de direita no Brasil abraçou tanto a DSN quanto a matriz conspiratória do Orvil (Rocha, 2021, p.225).

Rocha (2021) considera que a obra influencia a sociedade brasileira até hoje, talvez hoje mais do que nunca, acreditamos. Seus argumentos inverossímeis tentam justificar as práticas antidemocráticas que o país testemunhou nos últimos anos. É inegável, no entanto que, apesar das suas contradições fundamentais, a ideologia do Orvil esteve presente no Planalto, considerando a lógica de pensamento implementada pelo governo de Jair Bolsonaro. Segundo inúmeros autores (Rocha, 2021; Prado, 2021; Lacerda, 2019; Figueiredo, 2009), as ideias presentes no *Orvil* foram fonte de inspiração para ideólogos, como foi o caso de Olavo de Carvalho. Esse se autointitulava filósofo e foi ideólogo do governo de Jair Bolsonaro.

2 Olavismo e guerra cultural

⁴ A entrevista concedida por Bolsonaro ao um canal de TV, em maio de 1999, está disponível no link do canal do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=M-tkPPwT9Xw>. Acesso em: 13 jul. 2023.

Para a devida compreensão dessa seção, apresenta-se dois conceitos que norteiam a discussão: a compreensão do que é cultura e a noção de ideologia. Por *cultura*, fala-se da esfera política — a *Cultura*, em letra maiúscula —, como também da *cultura* presente no trabalho de Furtado (1984). Na perspectiva do teórico brasileiro, “a cultura é o tecido do ser humano; ela reflete a forma como o homem vê o mundo e a si próprio, determinando sua maneira de agir e de se relacionar com seus semelhantes” (Furtado, 1984, p.15). Ele acredita que a cultura pode contribuir para a construção de uma sociedade mais plural e que valoriza as diferenças. Por *ideologia*, reflete-se a partir de Eagleton (1997), como uma questão discursiva, uma forma de vida imaginada, um conjunto de crenças, valores e práticas sociais que as pessoas assumem como verdadeiros e que lhes permitem dar sentido à realidade e orientar suas ações no mundo. Ou seja, são mobilizações dos sistemas sociais em que os indivíduos buscam moldar suas percepções de realidade.

Dito isso, é necessário abordar a forte conexão entre as diretrizes do Projeto Orvil e os elementos retóricos que apoiam a agenda da Nova Direita brasileira para começar a entender os valores que compõem o bolsonarismo e seu ataque à Cultura. Num primeiro momento, é importante observar o papel desempenhado pelos intelectuais na transmissão do sistema de crenças conservadoras. Um dos nomes mais relevantes é o de Olavo de Carvalho. O trabalho de Carvalho é conhecido por ter um “alinhamento cego com a narrativa conspiratória de Orvil” (Rocha, 2021, p.31). Ele é um filósofo autoproclamado influenciado ideias de René Guenon, um dos fundadores do Tradicionalismo, movimento intelectual muito influente da extrema-direita contemporânea (Vasconcelos, 2022; Teitelbaum, 2020; Sedgwick, 2023). Carvalho possui mais de 40 livros publicados, abrangendo diversos temas como Esoterismo, Astrologia, Filosofia, Religião, Metafísica Oriental e Política, de acordo com seu entendimento desses temas.

Carvalho se tornou uma das figuras mais influentes no governo de Bolsonaro, e é frequentemente referido como o *guru ideológico* e o fundador intelectual da Nova Direita brasileira. Carvalho dedicou-se a promover inúmeras teorias conspiratórias sobre invasão comunista, Terra plana, geocentrismo, criacionismo e ciência falsa,

entre muitas outras ideias famosas e não tão conhecidas, que vão contra o senso comum e o conhecimento acadêmico. Além disso, ele teve uma presença importante nas redes sociais e projetou e ministrou um curso de filosofia para mais de 2.000 (dois mil) alunos. Três de seus ex-alunos tornaram-se ministros no governo Bolsonaro: Ernesto Araújo (Relações Exteriores), Ricardo Vélez Rodríguez e Abraham Weintraub (Educação).

Menos em seus livros e mais em sua presença nas redes sociais, Olavo de Carvalho fomentou inúmeras ideias sobre teorias da conspiração estapafúrdias como o uso de fetos abortados no refrigerante Pepsi⁵, terraplanismo⁶, além do menosprezo e negacionismo em relação à pandemia de Covid-19⁷, doença que o matou. Foram inúmeras teorias disseminadas desde os primórdios das redes sociais. Desde 2004, na plataforma Orkut, comunidades eram criadas para comentar as teorias olavistas e que fomentavam assuntos conspiratórios. A jornalista Michele Prado explora o crescimento da extrema-direita no Brasil em seu livro *Tempestade Ideológica* e expõe alguma das ideias disseminadas pelo ideólogo:

Foi no Orkut que um nome começou a ganhar muito mais relevância do que seus artigos em jornais lhe proporcionavam: Olavo de Carvalho. Nas comunidades dedicadas ao filósofo, já se lia conceitos que futuramente iriam permear todo o debate da direita nas redes sociais. Em “Olavo nos Odeia”, comunidade criada dia 09 de junho de 2004, os seguintes tópicos já estavam presentes na descrição da comunidade:

VOCÊ SABIA:

- A ONU apoia o terrorismo?
- Há uma conspiração comunista global e o movimento gay é parte dela?
- A Lei da Inércia é falsa e Isaac Newton era burro?
- Há livros ensinando crianças a fazer sexo oral com elefantes?
- O Brasil hoje é uma ditadura comunista?
- A mídia apoia os gays para promover o controle populacional?

⁵ Postagem do Twitter: *Anos depois de a Pepsi, sob chuva de denúncias, romper o contrato com o laboratório que usava fetos na pesquisa de adoçantes, o mito "Olavo mentiu sobre a Pepsi" ainda se repete na porra da mídia como verdade inquestionável.* Disponível em: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1316758430934274048>. Acesso em: 21 fev. 2022.

⁶ Postagem do Twitter: *Não estudei o assunto da terra plana. Só assisti a uns vídeos de experimentos que mostram a planicidade das superfícies aquáticas, e não consegui encontrar, até agora, nada que os refute.* Disponível em: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1133838337570217984>. Acesso em: 21 fev. 2022.

⁷ Postagem do Twitter: *O medo de um suposto vírus mortífero não passa de historinha de terror para acovardar a população e fazê-la aceitar a escravidão como um presente de Papai Noel.* Disponível em: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1260332441539149824>. Acesso em: 21 fev. 2022.

- O marxismo nasceu do satanismo?
- Darwin é o pai do nazismo?
- A web foi criada para combater o ateísmo?
- O ser humano não precisa de cérebro para viver?
- O nazismo e FMI são de esquerda?
- Bill Clinton era um agente de Pequim?
- Os EUA entraram no Vietnã para perder?
- Há 40 milhões de comunistas no Brasil?
 - Não há diferença genética entre humanos e chimpanzés na gestação?
 - O empresariado nunca se organizou politicamente?
 - A ditadura foi branda e tinha eleições democráticas?
 - Che Guevara invadiu Angola oito anos após a sua morte?
 - O PT é responsável pela morte de 50 mil pessoas por ano?
 - O general Geisel era comunista? [...] (Prado, 2021, p.22).

A maior teoria da conspiração defendida pelo ideólogo e, essa sim, entranhada por toda sua obra, é a da existência de uma elite mundial de esquerda – liderada por contraditoriamente bilionários – que teria controle da cultura em escala planetária com o objetivo de instaurar o comunismo em todos os países democráticos do mundo. A partir dessa influência, esse grupo teria o poder de extinguir todos os valores da chamada civilização judaico-cristã-ocidental, como a família e as religiões. Essa é, sem dúvida, umas das teorias mais consolidadas em grupos conservadores e em toda a extrema-direita brasileira. Essa é a base, por exemplo, para as políticas de cunho negacionista e *antiestablishment* do governo Jair Bolsonaro, do qual Olavo de Carvalho foi o principal mentor ideológico. Para combater o inimigo oculto e implacável do *comunismo* que tem poder para destruir toda a realidade conhecida pela sociedade atual, é possível justificar qualquer atitude para defender tais ideais.

Em seu best-seller, *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* (2013), Olavo apresenta um texto intitulado *Guerras culturais*. Carvalho (2013) apresenta que as *guerras culturais* possuem *movimentos, sutis e de longuíssimo prazo que escapam à percepção não só das massas como da quase totalidade das elites políticas, econômicas e militares*. Segundo o ideólogo, as *guerras culturais* são ações planejadas estrategicamente para a condução e manipulação da cultura e da vida de toda a população.

Tal lógica se assemelha com algumas das constituições ideológicas presentes no Orvil. É preciso assinalar que a pavimentação ideológica criada por Olavo de Carvalho no decorrer dos anos, através de todas as suas produções e posicionamentos em redes sociais digitais, corresponde ao seu principal objetivo, que é colocar toda a cultura brasileira contra a parede. Ele não concorda com os encaminhamentos pelos quais o mundo ruma e, por conseguinte, menospreza ações empreendidas pelos *militantes*, termo recorrente e que, para ele, representa uma porção populacional que não tem capacidade reflexiva. A discussão presente no livro sobre a *guerra cultural* é importante e necessária para o processo reflexivo deste artigo. O termo se refere ao conflito entre diferentes visões de mundo e valores que se intensificou nos últimos anos, especialmente no âmbito da cultura e das artes. Antes de mais nada, faz-se necessário refletir sobre a origem desse conceito.

De acordo com Santos (2021), sua origem é controversa. Porém, “a expressão se tornou popularizada através da publicação de ‘Culture Wars’, de James Davison Hunter, em 1991” (Santos, 2021, p. 181). Pela interpretação do pesquisador, a obra apresentava o embate entre duas visões de mundo antagônicas que dividiam a sociedade dos Estados Unidos da América, uma progressista e outra conservadora, e as discussões eram sobre questões sociais, políticas, econômicas e comportamentais.

O trabalho de Santos (2021) se debruça naquilo que ele denomina *Retórica da Guerra Cultural, pautada pela dicotomização a partir de uma diferenciação entre duas polêmicas públicas, seguindo uma lógica maniqueísta*, visando a aniquilação da voz do adversário e, portanto, buscando ressaltar aspectos como o ressentimento, ódio, inveja e ou indignação. (Santos, 2021, p. 219-222). Essa lógica impede o estabelecimento de diálogos para formar pontes entre diferentes pontos de vista. O objetivo é a não promoção da comunicação, ou seja, não ter debates.

Segundo Rocha (2021), essa *guerra* tem sido alimentada por uma série de fatores, como a polarização política em redes sociais digitais, puxada por uma nova extrema-direita, que busca impor suas visões e valores ao conjunto da sociedade, utilizando-se de inúmeros subterfúgios discursivos, entre os quais destacamos a sobrecarga de desinformação. Essa *guerra cultural* tem gerado um clima de

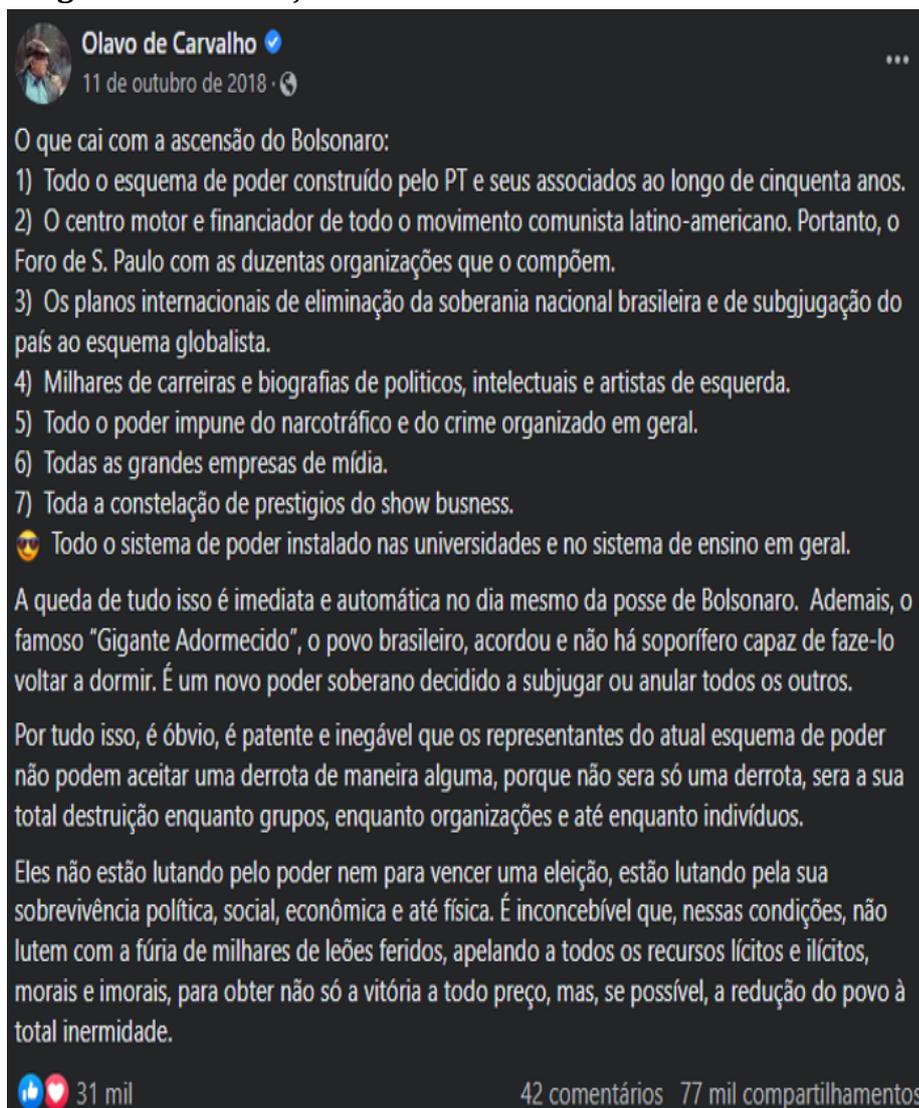
intolerância e destruição do diálogo e da convivência democrática, o que representa uma ameaça à própria democracia brasileira. No Brasil, Olavo de Carvalho tornou-se, talvez, o principal tutor ideológico dessa extrema-direita.

Ainda sobre a própria noção de “guerra cultural”, por se tratar de uma expressão em disputa, é necessário apontar seus usos entre os conservadores e liberais. De acordo com o Burke Instituto Conservador, através de texto de Ismael de Oliveira Luz (2022), a definição de *guerra cultural* é entendida para além dos discursos ideológicos, em uma apreensão parecida com a de Olavo de Carvalho. A citação descrita abaixo parece um plágio grosseiro do pensamento de Gramsci sobre o elemento cultural presente nas disputas pela hegemonia, dessa vez com tons autoritários e com sinal invertido, no sentido do irracionalismo conservador:

Uma guerra cultural não é simplesmente um conflito entre discursos ideológicos, não se trata de saber quem tem ou não tem razão argumentativa. A guerra cultural é a conquista total e absoluta do campo psicológico, imaginativo, intelectual e espiritual e somente por meio de uma elevada estrutura simbólica e artística que seja capaz de permear e preencher a alma humana nos seus mais profundos recônditos é que uma cultura se sobrepõe e absorve uma outra de menor valor simbólico. Uma guerra cultural é o “bom combate” mencionado pelo apóstolo Paulo, aquele que se vence pela manifestação tácita da luz. (Luz, 2022, n.p).

Como é ressaltado em Rocha (2021), “tal como ensinada na pregação de Olavo de Carvalho nas últimas duas décadas, a retórica do ódio é uma técnica discursiva que pretende reduzir o outro ao papel de inimigo a ser eliminado” (Rocha, 2021, p.153). Essa construção narrativa conspiratória faz com que uma porção substancial da população brasileira se sinta à vontade para disseminar o ódio e impor sua visão de mundo. Aqui, é visto como a retórica do ódio é ferramenta capaz de desprestigiar a existência de outras opiniões. Trata-se de uma forma de deslegitimar pontos de vista contrários ao que é expresso dentro da lógica ultraconservadora.

Em uma dada publicação no Facebook, Olavo de Carvalho aponta para uma série de personagens da vida sociopolítica brasileira que *caem* com a ascensão de Jair Bolsonaro ao poder. Na Figura 1 podemos constatar alguns dos procedimentos apontados por Rocha (2021) como aqueles presentes na retórica do ódio:

Figura 1 – Publicação de Olavo de Carvalho no Facebook

Fonte: captura de tela por uma das autoras a partir de publicação no Facebook, 2018⁸.

Como podemos notar, o quarto ponto se refere às *milhares de carreiras e biografias de políticos, intelectuais e artistas de esquerda*, a grande parte dos artistas em geral. Neste ponto, avançaremos no debate de uma modalidade concreta de ação das forças reacionárias no Brasil, a midiaticização da Lei Rouanet como expediente de vilanização de artistas e produtores culturais.

⁸ CARVALHO, Olavo de. O que cai com a ascensão do Bolsonaro. [S. l.], 11 out. 2018. Facebook: olavo.decarvalho. Disponível em: https://www.facebook.com/story.php?story_fbid=10156638835862192&id=698992191. Acesso em: 21 fev. 2023.

3 Mídiação da Lei Rouanet e desqualificação da classe artística

Antes de tudo, destaca-se como se compreende *mídiação* neste estudo. Do ponto de vista comunicativo, a mídiação é um processo peculiar do tecido da realidade social e é construído na e através dos processos comunicacionais, conforme observamos em Couldry e Hepp (2013) e na leitura do trabalho deles feita por Lelo (2021). Nessa perspectiva, ao discutir sobre o processo de mídiação de algum fato, lida-se com a disseminação de informações sobre ele e a maneira como ele significa e pode oferecer significados ao mundo.

Por vezes, um objeto ou acontecimento acaba passando por transformações de sentido devido aos efeitos da mídiação. Apesar de se tratar de uma legislação que data de 1991, ou seja, antes da chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) e de Luiz Inácio Lula da Silva ao poder presidencial, a Lei Rouanet é encarada por seus detratores de direita como uma *criação comunista e petista* que beneficiaria apenas uma pequena parcela de artistas, que poderiam sobreviver e produzir seus conteúdos artístico-culturais sem o auxílio do mecanismo.

Ao que parece, a tentativa de criar um estado de angústia e aflição em relação a Lei de Incentivo à Cultura — outro nome como é conhecida a lei — teve o objetivo de estremecer uma das supostas bases de apoio ao PT, dentro da narrativa bolsolavista. Os questionamentos sobre a Lei Rouanet não sugeriram uma mudança em prol da democratização dos recursos financeiros. A retórica do ódio impressa na lógica bolsolavista contra o setor cultural brasileiro é ideológica. Tratou-se de uma *guerra cultural* em que os que representam a extrema-direita deveriam se consagrar como os vencedores.

No entanto, como parte das lógicas que parecem não fazer sentido, chamadas de dissonâncias cognitivas por Rocha (2021), a realidade se torna de difícil apreensão por parte da extrema-direita. A partir de matéria, publicada pela Agência Estado⁹, isso é notável quando se leva em consideração que o responsável pela Lei Rouanet na

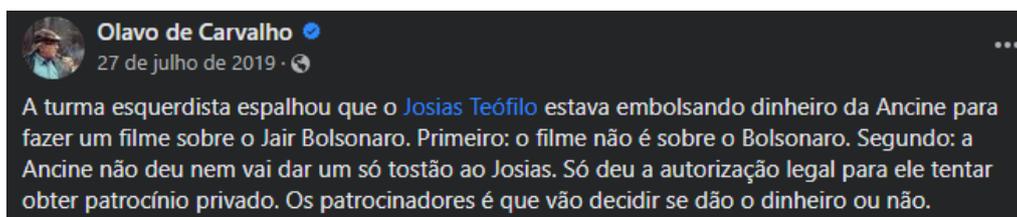
⁹Agência Estado. *Rouanet é lei benéfica*, afirma secretário nacional de Fomento e Incentivo à Cultura. Itatiaia, Belo Horizonte, 12 jan. 2020. Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/noticia/rouanet-e-lei-benefica-afirma-secretario-naci>. Acesso em: 22 fev. 2023.

época do governo de Jair Bolsonaro, o secretário de Fomento e Incentivo à Cultura, Camilo Calandrelli, aponta como certos casos deram uma imagem negativa para a Lei Rouanet. Ao fazê-lo, porém, ele acreditou que a Lei Rouanet era um sucesso e que o movimento conservador deveria abocanhar tais recursos federais. É importante frisar que, independentemente de qual seja o governo em vigor, a Lei de Incentivo à Cultura está disponível para todos aqueles que submetem seus projetos culturais e devem aguardar aprovação para a captação de recursos.

É importante lembrar também que a Lei Rouanet foi fortemente atacada através de diferentes meios pelo discurso bolsolavista e seus apoiadores. A midiaticização da Lei Rouanet foi um processo pelo qual, através de diferentes aparatos de comunicação, a legislação foi vilanizada e tratada como um problema a ser solucionado. Com a ascensão ao poder, tal ódio é ressignificado e transformado em justificativa para que haja mais projetos culturais ligados ao conservadorismo da extrema-direita, como se pode identificar através do chamamento realizado pelo então secretário Calandrelli.

Da mesma maneira, em uma publicação no Facebook, Olavo de Carvalho expressa sua insatisfação ao saber que *a turma esquerdista* havia dito que o cineasta Josias Teófilo havia obtido dinheiro junto da Agência Nacional do Cinema (Ancine) para fazer um filme sobre Bolsonaro. Em tom de correção, ele disse que o filme não era sobre Bolsonaro e que a Ancine não iria dar nenhum dinheiro, mas que o cineasta teria autorização legal para obter patrocínio. Olavo de Carvalho havia descrito o mecanismo da Lei Rouanet sem tomar conhecimento em sua publicação, conforme Figura 2.

Figura 2 – Publicação de Olavo de Carvalho no Facebook falando sobre financiamento de filme.



Fonte: captura de tela elaborada por uma das autoras no Facebook, 2018¹⁰.

A Cultura só entra em disputa justamente por ser um campo estratégico. Ao ascender ao poder, Jair Bolsonaro emprega em seu discurso todo o escopo falacioso das palavras falseadas de Olavo de Carvalho. Como mentor e guru ideológico, Olavo de Carvalho impõe a retórica do ódio, reducionismo que visa aniquilar os inimigos, presente no discurso bolsolavista. O bolsolavismo é um sistema de crenças que impõe valores vinculados ao conservadorismo e, principalmente, ao imaginário autoritário brasileiro que não foi abandonado desde a ditadura.

A geração de notícias falsas também faz parte do repertório que tenta vilanizar a Lei Rouanet. De acordo com o portal eletrônico *Gaúcha Zero Hora* (GZH), a notícia falsa abaixo que envolve o suposto uso da Lei Rouanet pela cantora Pablllo Vittar demonstra a articulação que é promovida contra a Lei Rouanet. Esse tipo de informação disseminada incentiva a criação de um repertório negativo sobre a legislação que povoa o imaginário dos indivíduos. Acompanhe a Figura 3.

Figura 3 – Notícia falsa sobre a utilização da Lei Rouanet por Pablllo Vittar



O ano de 2017 foi dela Pablllo Vittar, a Diva pop está influenciando gerações e opiniões. O sucesso não para, o governo federal por meio da Lei Rouanet irá repassar a cantora um total de 5 milhões de reais em 2018

Além da ajuda financeira, a Diva pop também ganhará um reality show no canal Multishow em 2018 onde trabalhará com jovens de todas as idades, ensinando eles a beleza da diversidade de gêneros.

WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR

Fonte: captura de tela elaborada por uma das autoras a partir de GZH¹¹.

Ao contrário do que se pode sugerir, uma vez que a Cultura é constantemente atacada, ela ocupa um lugar central das discussões da extrema-direita. O conceito de *guerra cultural*, empregado pelos membros desse grupo político, visa opor dois grandes grupos, um progressista e outro conservador, para que apenas um deles se sobreponha como *pensamento vencedor*. A lógica aplicada a tal processo se baseia na

¹⁰ CARVALHO, Olavo de. A turma esquerdista espalhou que o Josias Teófilo estava embolsando dinheiro da Ancine para fazer um filme sobre o Jair Bolsonaro. [S. l.], 27 jul. 2019. Facebook: olavo.decarvalho. Disponível em: <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10157326413062192>. Acesso em: 22 fev. 2023.

¹¹ PABLLLO Vittar beneficiada pela Lei Rouanet? Veja essa e outras 5 notícias falsas sobre a cantora. GZH, [S. l.], 27 dez. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2017/12/pablllo-vittar-beneficiada-pela-lei-rouanet-veja-essa-e-outras-5-noticias-falsas-sobre-a-cantora-cjboyn1dh03f301p91whjix1.html>. Acesso em: 20 fev. 2023.

competição presente no neoliberalismo econômico. A ideia é que através da competição é possível garantir que as pessoas possam melhorar suas capacidades e garantir que os melhores consigam fazer a sociedade progredir (Dardot; Laval, 2016).

O trabalho Dardot e Laval (2016) avança nas discussões sobre os impactos do neoliberalismo na sociedade contemporânea. Graças à tal contribuição, é possível esboçar certos encaminhamentos no que diz respeito às proposições narrativas que estão em disputa na contemporaneidade. Através do espírito de batalha empregado pela *guerra cultural*, o massacre de quem não é visto nem como humano ou tendo capacidade de viver é quase inevitável. São empregados termos que tornam amorfa a percepção dos indivíduos envolvidos que *estão do outro lado*.

Numa perspectiva democrática, na batalha das ideias a luta envolve sempre diversos grupos que estão tentando compor alianças, através da tentativa de criação de consensos. Trata-se de um processo que privilegia o diálogo e está aberto aos indivíduos pertencentes a grupos distintos. Dessa forma, não é um processo de exclusão, mas de inclusão. São estabelecidos elos que podem recompor os lados envolvidos em outra forma que possa servir tanto um lado quanto o outro.

Em compensação, a força empregada pelos membros da política da extrema-direita brasileira representa outro estilo de pensamento. Há a imposição de seus valores e costumes para que sejam impregnados em toda a sociedade, de maneira indiscriminada. Há um objetivo nítido com tal ação: replicar suas crenças e aniquilar a existência do contraditório.

Quando se fala em *aniquilação*, esse é o termo mais correto para ser empregado. É possível reconhecer através de expressões como *turma esquerdista* ou quando Olavo de Carvalho diz que “os representantes do atual esquema de poder não podem aceitar uma derrota de maneira alguma, porque não será só uma derrota, será a sua total destruição enquanto grupos, enquanto organizações e até enquanto indivíduos”, (Facebook, 2018, n.p.), conforme visto nas capturas de tela acima.

A derrota do grupo rival significa, nesse sentido, o grande triunfo. É uma espécie de briga infantilizada motivada por satisfações prazerosas momentâneas, mas carregada de ameaças de assassinato. Tanto a estigmatização de um grupo complexo

através de termos pejorativos quanto a catarse produzida por um massacre subjetivo demonstram o viés violento presente na retórica do ódio bolsolavista (Rocha, 2021).

Ainda retomando os ditos já citados de Olavo de Carvalho no Facebook (2018), *a esquerda vista como ameaça comunista não está lutando pelo poder nem para vencer uma eleição*, está lutando pela sua sobrevivência política, social, econômica e até física. O deleite do ideólogo bolsonarista está na possibilidade de não existência de todos aqueles que ele enxerga como adversários. É uma ficção de uma realidade não vivida, mas fabricada através de suposições alucinantes que tentam produzir um sentido orientado para a violência.

Em relação à fala da derrota da dita esquerda nas eleições de 2018 representar a aniquilação de todo um conjunto de vidas, talvez isso se relacione aos acontecimentos ocorridos em janeiro de 2023. Uma semana após a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 1º de janeiro de 2023, após vencer as eleições presidenciais de 2022, emergem em Brasília hordas armadas e com a intenção de destruir o patrimônio do Planalto, com ampla cobertura da imprensa nacional¹², e internacional¹³ que classificaram as ações como antidemocráticas e terroristas.

Os atos antidemocráticos foram realizados no dia 8 de janeiro de 2023, motivados pela insatisfação de certos grupos apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, derrotado nas eleições presidenciais do ano anterior. Diante de narrativas criadas a partir de desinformações em escala massiva, que, por exemplo, apontam para supostas fraudes eleitorais, negadas posteriormente¹⁴, tais indivíduos acreditaram ter razões para depredar o patrimônio público federal. Se, até então, a violência era apenas simbólica, vinculada ao subjetivo, naquele momento se tornou concreta. Apenas quando a crueldade se torna explícita torna-se possível se dar conta das problemáticas envolvidas através do discurso de ódio. *A guerra cultural da*

¹² G1. Terrorismo em Brasília: o dia em que bolsonaristas criminosos depredaram Planalto, Congresso e STF. G1, Brasília, 8 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/o-dia-em-que-bolsonaristas-invadiram-o-congresso-o-planalto-e-o-stf-como-isso-aconteceu-e-quais-as-consequencias.ghtml>. Acesso em: 10 abr. 2024

¹³ NICAS, Jack; SPIGARIOL, André. Bolsonaro Supporters Lay Siege to Brazil's Capital. The New York Times. Rio de Janeiro; Brasília, 8 jan. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/01/08/world/americas/brazil-election-protests-bolsonaro.html>. Acesso em: 10 abr. 2024

¹⁴ MILITÃO, Eduardo. PF diz não ter encontrado evidência de fraudes nas urnas nos dois turnos. UOL, Brasília, 25 nov. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/25/ausencia-fraudes-urnas-eleitorais-policia-federal-inqueritos.htm>. Acesso em: 22 fev. 2023.

extrema-direita é literalmente bélica: um dos lados deve ser exterminado para que o outro possa governar sem oposição.

Precisamos recordar a fala de Olavo de Carvalho quando ele diz que a derrota é a total destruição de indivíduos de um determinado grupo. Torna-se, assim, perceptível que sua intenção é promover um caos cognitivo por meio do medo da aniquilação. Só que esse medo orienta não apenas o grupo que está sendo alvo de seu ataque. Ele afeta também o grupo do qual faz parte, uma vez que dele surge um instinto de sobrevivência para encarar problemas futuros. Um exemplo desses problemas é justamente a derrota nas eleições presidenciais de 2022.

Com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, a *ameaça comunista* reaparece e reacende a chama de apreensão sobre o que virá a seguir. A angústia é, então, exprimida através de atos violentos, vândalos e antidemocráticos. Realizar tal ato significa reafirmar um ponto de vista que deve se sobrepor a qualquer outro, sem possibilidade de coexistência: o autoritarismo em sua forma viva.

Surge então um questionamento: por que a narrativa da extrema-direita política brasileira é tão brutalmente vinculada à retórica do ódio? Com a tomada do poder, não haveria a possibilidade de pavimentar outros caminhos ligados a promoção de consensos entre os diversos setores da população? Em uma resposta curta, o conceito de *guerra cultural* empregado pelo bolsolavismo encarcera outras perspectivas possíveis. Afinal, o extermínio (simbólico ou físico) é o propósito final.

Considerações Finais

Se a *guerra é cultural* e o objetivo é a aniquilação do inimigo, a sustentação deve ser amplamente fundamentada através de inúmeros percursos. Os ataques generalizados contra a Lei Rouanet representam não o início de um debate, mas um fim em si mesmo. O setor cultural é aquele responsável por ampliar as sensibilidades, capaz de auxiliar em processos reflexivos a partir da esfera do cotidiano e que possibilita imaginar outras formas de se viver. Ao arruinar um dos setores da vida pública que promove processos de afetação, a retórica do ódio ganha espaço ao convencer pessoas sobre a incapacidade do setor cultural de representar suas

próprias vidas. Dessa maneira, a crítica não se debruça propriamente sobre as fragilidades da legislação, notadamente imbuída da lógica neoliberal e que não consegue coibir as desigualdades regionais no que diz respeito aos financiamentos público. A crítica é à própria forma pela qual a cultura moderna e contemporânea se desenvolveu no Brasil urbano: como questionamento sistemático, tendencialmente pluralista, do caráter dogmático dos valores e costumes conservadores.

A tentativa de fixação da Lei Rouanet como sendo um projeto encabeçado pela esquerda é promovida pela extrema-direita através da reprodução excessiva do processo de sua midiaticização. É importante recordar que a legislação data do ano de 1991, sancionada pelo então presidente Fernando Collor de Mello, sendo o nome da lei uma homenagem ao seu secretário da cultura à época, Sérgio Paulo Rouanet. É fundamental frisar que Collor de Mello fez parte do partido dos militares na época da ditadura, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), e em sua carreira política esteve sempre ligado ao espectro da direita.

Tais informações são importantes para a realização de uma crítica que descole as intenções de composição narrativa empreendidas pela extrema-direita em configurar a Lei Rouanet como uma *lei da esquerda*. Essa foi a forma encontrada pelos apoiadores do governo Bolsonaro em construir uma situação para responsabilizar o setor cultural de acusações que lhe são impingidas, na maioria das vezes infundadas.

A centralidade da Cultura como lugar político imprescindível para a extrema-direita encontra-se em uma dupla relação. Em primeiro lugar, como lugar a ser conquistado e imposto. As regras e costumes ditos conservadores devem se sobrepor a toda construção feita em governos progressistas anteriores. A luta é ideológica, nesse sentido. Baseados no conceito de “guerra cultural”, para a garantia daquilo que não foi conquistado em outros tempos autoritários, deve ser assegurado através do massacre existencial da *esquerda*. Em segundo lugar, a Cultura também é encarada como um lugar ainda não ocupado. Nas perspectivas reducionistas empregadas por indivíduos que fazem parte da extrema-direita, era impossível, ou ao menos complicado, acessar recursos da Lei de Incentivo à Cultura, visto que muitas das ações que tinham o dinheiro vindo da renúncia fiscal eram considerados *de esquerda*.

Dessa forma, deixa-se de perceber a Cultura como uma área que precisa de políticas públicas, necessariamente, como qualquer outra, e ela começa a ser encarada como o centro da guerra cultural. Nesse sentido, o discurso bolsolavista buscou reforçar constantemente características ruins vinculadas à Lei Rouanet. Ao colocar em pauta o uso indevido ou não de dinheiro público por certas pessoas e instituições, não se questiona o modelo de política cultural. Assim, o problema não está no modelo neoliberal da política cultural da Lei Rouanet, mas na suposta falta de acesso pelos conservadores. A falta de democratização do acesso aos recursos, de maneira generalizada e, principalmente, aos pequenos e médios agentes culturais não era o cerne do questionamento.

Contudo, os ataques frequentes ocorridos através da midiaticização da Lei Rouanet significaram a importância dessa área aos planos do governo bolsonarista. A mobilização feita através de narrativas que foram assimiladas por boa parte da população representou um grande ganho para a extrema-direita. O sucesso da polarização nacional em que, de um lado, tem-se apoiadores de ex-presidente Jair Bolsonaro e, de outro, apoiadores do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva, significa uma importante vitória na produção de sentido empreendida pela retórica do ódio.

A retórica do ódio alterou os sentidos da produção da vida cotidiana de pessoas que encaram a realidade não em sua totalidade, ou seja, percebendo o que está por trás das relações sociais estabelecidas. O principal é aquilo que as afeta de maneira a reagir perante o mundo de estigmas que as cerca. Nesse processo imediato e irrefletido, o mais importante é a permanência de certo sentido que orienta suas vidas. O contraditório se torna inútil para a compreensão de si mesmas.

Referências

AGÊNCIA Estado. Rouanet é lei benéfica, afirma secretário nacional de Fomento e Incentivo à Cultura. Itatiaia, Belo Horizonte, 12 jan. 2020. Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/noticia/rouanet-e-lei-benefica-afirma-secretario-naci>. Acesso em: 22 fev. 2023.

ARQUIDIOCESE de São Paulo. *Brasil: Nunca Mais*. Petrópolis, Vozes, 1985.

CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

CARVALHO, Olavo. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021.

CARVALHO, Olavo de. *O que cai com a ascensão do Bolsonaro*. [S. l.], 11 out. 2018. Facebook: olavo.decarvalho. Disponível em: https://www.facebook.com/story.php?story_fbid=10156638835862192&id=698992191. Acesso em: 21 fev. 2023.

CARVALHO, Olavo de. *A turma esquerdista espalhou que o Josias Teófilo estava embolsando dinheiro da Ancine para fazer um filme sobre o Jair Bolsonaro*. [S. l.], 27 jul. 2019. Facebook: olavo.decarvalho. Disponível em: <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10157326413062192>. Acesso em: 22 fev. 2023.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. Conceptualizing mediatization: contexts, traditions, arguments. *Communication Theory*, v. 23, 2013. p. 191–202.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Ed. Uniesp; Editora Boitempo, 1997.

FICO, Carlos. *Como eles agiam: Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FIGUEIREDO, Lucas. *Olho por olho: os livros secretos da ditadura*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

FURTADO, Celso. Cultura e desenvolvimento em época de crise. In: FURTADO, Celso. *Cultura e desenvolvimento em época de crise*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LACERDA, Marina Basso. *O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019.

LELO, Thales Vilela. *A mediatização em perspectiva crítica*. Galáxia, São Paulo, n. 46, p. e48797, 2021.

LUZ, Ismael de Oliveira. *O que é Guerra Cultural? Burke Instituto Conservador*, [S. l.], 22 mar. 2022. Disponível em: <https://www.burkeinstituto.com/blog/guerra-cultural/o-que-e-guerra-cultural/>. Acesso em: 21 fev. 2023.

MILITÃO, Eduardo. PF diz não ter encontrado evidência de fraudes nas urnas nos dois turnos. *UOL*, Brasília, 25 nov. 2022. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/25/ausencia-fraudes-urnas-eletronicas-eleicoes-policia-federal-inqueritos.htm>. Acesso em: 22 fev. 2023.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: o Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (Doutorado em História Econômica) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

NASCIMENTO, José Conegundes do; MACIEL, Licio. *Orvil: tentativas de tomada do poder*. Salto: Schoba, 2012.

PABLLO, Vittar beneficiada pela Lei Rouanet? Veja essa e outras 5 notícias falsas sobre a cantora. GZH, [S. l.], 27 dez. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2017/12/pablo-vittar-beneficiada-pela-lei-rouanet-veja-essa-e-outras-5-noticias-falsas-sobre-a-cantora-cjboyn1dh03f301p91whjzix1.html>. Acesso em: 20 fev. 2023.

PEDRETTI, Lucas. *Os ecos do Orvil em 2021, o livro secreto da ditadura*. Agência Pública, [S. l.], 30 ago. 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/08/os-ecos-do-orvil-em-2021-o-livro-secreto-da-ditadura>. Acesso em: 21 fev. 2023.

PRADO, Michele. *Tempestade Ideológica*. Bolsonarismo: a alt-right e o populismo iliberal no Brasil. São Paulo: Editora Lux, 2021.

POSTAGEM do Twitter: *Anos depois de a Pepsi, sob chuva de denúncias, romper o contrato com o laboratório que usava fetos na pesquisa de adoçantes, o mito "Olavo mentiu sobre a Pepsi" ainda se repete na porra da mídia como verdade inquestionável*. Disponível em: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1316758430934274048>. Acesso em: 21 fev. 2022.

POSTAGEM do Twitter: *Não estudei o assunto da terra plana. Só assisti a uns vídeos de experimentos que mostram a planicidade das superfícies aquáticas, e não consegui encontrar, até agora, nada que os refute*. Disponível em: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1133838337570217984>. Acesso em: 21 fev. 2022.

POSTAGEM do Twitter: *O medo de um suposto vírus mortífero não passa de historinha de terror para acovardar a população e fazê-la aceitar a escravidão como um presente de Papai Noel*. Disponível em: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1260332441539149824>. Acesso em: 21 fev. 2022.

ROCHA, Camila; SOLANO, Ester; MEDEIROS, Jonas. *The Bolsonaro Paradox: The Public Sphere and Right-Wing Counterpublicity in Contemporary Brazil*. Londres: Springer, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminhos, 2021.

SANTOS, Frederico Rios C. dos. O que se entende por Retórica da Guerra Cultural. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 180-227, jan./mar. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. *Brasil: uma Biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SECCO, Lincoln. *O bolsonarismo no Brasil*. *Relações Internacionais*, n. 73, p. 41-52, 2022.

SEDGWICK, Mark J. *Traditionalism: the radical project for restoring sacred order*. New York, NY, United States of America: Oxford University Press, 2023.

TEITELBAUM, Benjamin. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel - Difusão Editorial, 1979.

USTRA, Carlos Alberto Brilhante. *A Verdade Sufocada: a história que a Esquerda não quer que o Brasil conheça*. Brasília: Editora Ser. 2007.

VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. As origens intelectuais do fascismo e suas reinvenções: entre a “revolução conservadora” e o tradicionalismo. *Plural*, v. 29, n. 01, p. 208-231, 2022.

Camilla Machuy - Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO-UFRJ

Professora substituta da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Doutoranda do programa de pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI-Ibict/ECO-UFRJ), mestre em Mídia e Cotidiano pelo PPGMC-UFF e bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB). Bolsista do Programa de Excelência Acadêmica(Proex-Capes). camillamachuy@gmail.com.

Marco Schneider - Universidade Federal do Rio de Janeiro – (PPGCI – IBICT/ ECO-UFRJ) - Universidade Federal Fluminense - (PPGMC-UFF). Pesquisador do Ibict e professor do Departamento de Comunicação Social da UFF e dos programas de pós-graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC-UFF) e Ciência da Informação (PPGCI-Ibict/ECO-UFRJ). Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Mestre em Comunicação e Cultura, e bacharel em Produção Editorial, pela ECO-UFRJ, com pós-doutorado em Estudos Culturais pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC-UFRJ). Bolsista de Produtividade CNPq e Cientista do Nosso Estado Faperj. art68schneider@gmail.com

Priscila Seixas - Universidade Federal Fluminense – (PPGMC-UFF)

Doutora em Mídia e Cotidiano pela (PPGMC-UFF). Professora na Faculdade Senac Rio e no MBA Gestão de Marketing e Estratégias Digitais da Faculdade MACKENZIE RIO.CEO da Burburinho Cultural.Ganhadora do Prêmio Rio Sociocultural 2011 e do Prêmio Atitude Carioca 2022, finalista do Prêmio SEBRAE Mulher de Negócios 2022. seixasburburinho@gmail.com